RESUMO - SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

# COMENTÁRIOS SOBRE A PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTATO DIALETAL POR MIGRANTES ALAGOANOS E PARAIBANOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS

*Maylle Lima Freitas (mayllelimafreitas@gmail.com)*

Em situações de interação, os falantes recorrem tanto a informações linguísticas quanto extralinguísticas sobre seus interlocutores (Eckert, 2008). A partir dessas informações, falantes podem tecer comentários que dão pistas acerca de sua consciência e percepção de diferenças sociais e linguísticas. Esta comunicação analisa relatos metalinguísticos de 40 alagoanos e paraibanos residentes na Região Metropolitana de Campinas (RMC), participantes do Projeto Acomodação (Oushiro, 2023), buscando compreender a percepção dos migrantes acerca da nova realidade sociolinguística e a saliência de variantes dialetais. A saliência de variantes linguísticas envolve diferentes graus de consciência dos falantes e pode influenciar a variação (Labov, 1972 [2008]). Adota-se a conceituação de saliência de Preston (1999), composta de quatro dimensões: (1) disponibilidade — frequência com que falantes fazem comentários sobre variantes; (2) acurácia — precisão na identificação das variantes e/ou sua distribuição; (3) detalhe — grau de especificidade no conhecimento sobre a variação dialetal; e (4) controle — capacidade de

reproduzir as variantes. Nesta comunicação, objetiva-se reportar os resultados das análises: (1) sobre elementos linguísticos e não linguísticos associados aos nordestinos em Campinas, segundo a percepção dos migrantes; e (2) da saliência de variantes no contato dialetal. Para tanto, analisaram-se qualitativa e quantitativamente as respostas a perguntas do roteiro de entrevista voltadas à obtenção de comentários metalinguísticos sobre a percepção da variação dialetal no contato linguístico, por meio da elaboração de uma planilha e etiquetagem de padrões de respostas (Bento, 2019). Quanto ao primeiro objetivo, os dados apontam que o modo de falar é o que mais identifica os alagoanos e paraibanos na RMC. Outros fatores associados a nordestinos relacionam-se com os preconceitos acerca de sotaque, trabalho, estereótipos e aparência. Sobre o preconceito linguístico, os participantes citam a dificuldade de entendimento dos paulistas quanto à sua fala, além de piadas sobre sua variedade linguística. Em relação ao trabalho, destacam a crença de que nordestinos “roubam” vagas destinadas a paulistas. Entre os estereótipos, está a ideia de que predominam seca e pobreza no Nordeste. Quanto à aparência, mencionam a vestimenta e termos como “cabeça chata”. Considerando o segundo objetivo, a variável mais frequentemente citada pelos migrantes para diferenciar campineiros e nordestinos é o /R/ em coda silábica (e.g. “po[h]ta”), seguida por itens lexicais (“doido” e “bolacha”), palatalização regressiva de /t,d/ diante de /i/ (e.g., [tʃ]ia), palatalização progressiva de /t,d/ após /i/ (e.g. “oi[tʃ]o”), e o /e/ pretônico (e.g. “r[e]lógio”). Já para reconhecer outros alagoanos/paraibanos, os participantes apontam a prosódia (velocidade, ritmo e altura da fala), itens lexicais (“mainha” e “visse”) e a realização de /S/ e /R/ em coda. Nota-se que o /R/ em coda é a variável de maior disponibilidade, já que os migrantes identificam seus contextos de ocorrência e apresentam controle sobre as formas glotal e retroflexa. Parte dos migrantes, contudo, não distingue o retroflexo e o tepe, ou interpretam o tepe como um retroflexo atenuado. Nota-se, portanto, acurácia e detalhe na percepção do par glotal–retroflexo, mas não no par tepe–retroflexo, indicando que a consciência do contraste é sensível a nuances fonéticas.

Palavras-chave: contato dialetal; percepção; migrantes nordestinos; região metropolitana de campinas.